

# PENÉLOPE

FAZER E DESFAZER A HISTÓRIA

PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL — Nº 7 • 1992

DIRECTOR  
A. M. HESPAÑA

## REDACÇÃO

Álvaro Ferreira da Silva (FE-UNL); Amélia Aguiar Andrade (FCSH-UNL); António Costa Pinto (CEMCP-ISCITE); António M. Hespanha (ICS); Bernardo Vasconcelos e Sousa (FCSH-UNL); Carlos Fabião (FLU); Fernando Rosas (FCSH-UNL); Helder A. Fonseca (UE); José Manuel Sobral (ICS); Luís Krus (FCSH-UNL); Luís Ramalhosa Guerreiro; Mafalda Soares da Cunha (UE); Maria Alexandre Lousada (FLU); Nuno Gonçalo Monteiro (ICS); Nuno Severiano Teixeira (UE/UCP); Rui Ramos (ICS); Valentim Alexandre (ICS); Vítor Serrão (FLUC); Secretário da Redacção: João Carlos Cardoso

Propriedade do título: Cooperativa Penélope. Fazer e Desfazer a História  
Subsídios à Redacção da J.N.I.C.T. e S.E.C.

Nota: Os originais recebidos, mesmo quando solicitados, não serão devolvidos.

© EDIÇÕES COSMOS  
e Cooperativa Penélope

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

Fotolitos: Joerma - Artes Gráficas, Lda  
Impressão da capa: Gráfica Eme Silva, Lda  
Impressão e acabamentos: EDIÇÕES COSMOS

1ª edição: Abril de 1992  
Depósito Legal: 49152/91  
ISSN: 0871-7486

### Difusão

LIVRARIA ARCO-ÍRIS

Av. Júlio Dinis, 6-A Lojas 23 e 30 — P. 1000 Lisboa  
Telefones: 76 08 25 • 797 26 61 • 795 51 40  
Fax: (1) 76 97 13 • Telex 62393 VERSUS-P

### Distribuição

EDIÇÕES COSMOS

Rua da Emenda, 111-1º — 1200 Lisboa  
Telefones: 342 20 50 • 346 82 01  
Fax: 347 82 55

# Uma Visita de Estudo a Évora

Ana Maria Mira Borges

Universidade de Évora

As visitas de estudo tendem cada vez mais a ser encaradas não só numa perspectiva lúdica, mas também numa forma mais aliciante de um despertar para a história e história de arte; acrescentarei ainda, que nalguns casos são também uma forma vantajosa de ensinar.

Este relatório é constituído por três pontos que ao longo da visita de estudo acabam por se interligar:

Começarei por uma breve abordagem histórica; de seguida, apontarei o percurso que considero «ideal», incluindo não só os monumentos ou os locais de cultura a visitar, mas também os espaços urbanos. Tradicionalmente vêem-se monumentos ou obras de arte; não pondo em causa a importância de uns e outros, há que abordar também a história da cidade, fazendo, sempre que possível, uma análise conjunta da arquitectura e do urbanismo.

Se em Évora conseguimos encontrar elementos característicos desde a época romana até aos nossos dias, são com certeza a época medieval e todo o século XVI os mais representativos, quer no âmbito da história da arte, quer da história da cidade. Por essa razão serão estes os períodos privilegiados, dentro do percurso escolhido.

Inclui-se, ainda, a descrição de alguns dos edifícios a visitar.

## 1. Breve Abordagem Histórica

Évora é uma cidade de grande importância histórica e cultural dentro do quadro nacional. Segunda cidade do país, no final do século XV e ao longo do século XVI, estância dilecta de reis, nobres, artistas e pensadores, perdeu posteriormente, porque cidade do interior, a sua preponderância. Mas os tempos mudam e assistimos recentemente à elevação desta mesma cidade a Património Mundial.

As suas origens encontram-se ligadas a um passado longínquo, anterior mesmo à Romanização, como atesta o próprio nome Eborá. Mas foi no período romano que assistimos à sua concretização como cidade, tendo a presença deste povo ficado bem marcada. A atestá-la, o templo ou alguns troços da primitiva muralha.

Também no período de dominação árabe, Évora se destaca sendo referido pelo geógrafo Edrisi como «cidade grande e povoada. Envolvida por uma muralha, possui um castelo forte e uma mesquita catedral [...]».

Após a Reconquista a cidade crescerá não só em dimensão, mas também em importância. Ao longo da 2ª Dinastia tornar-se-á residência muito frequente da corte, o que levou mesmo à construção de um paço real.

Se os séculos XV e XVI são realmente, como referi, os séculos de ouro de Évora, isso não significa que posteriormente tenha sido uma época de decadência. Não tendo o mesmo brilho, não deixou contudo de ver enriquecido o seu património cultural e artístico.

## 2. Percurso

### 2.1. Esquema do percurso

- Largo da Sé: Templo Romano. Sé Catedral. Museu.
- Rua Vasco da Gama — Rua das Casas Pintadas<sup>1</sup>: Casas Pintadas de Vasco da Gama.
- Rua da República — Rua da Selaria.
- Praça do Geraldo — Praça Grande.
- Rua da República — Rua do Paço.
- Igreja de S. Francisco.
- Passeio Público: Paço Real. Ruínas Fingidas.
- Igreja da Graça.
- Travessa da Caraça.
- Rua de Álvaro Velho.
- Rua da Misericórdia.
- Largo da Porta de Moura.
- Carreira do Colégio.
- Igreja e Colégio do Espírito Santo.

### 2.2. Desenvolvimento do percurso

*Iniciamos a visita pela zona topograficamente mais saliente e mais antiga.*

Era esta a zona do fórum romano e da alcáçova muçulmana e foi ainda, após a Reconquista, escolhida para saliente e simultaneamente a mais antiga edificação da Sé<sup>2</sup>, edifício primordial, numa sociedade profundamente marcada pela religião. Articulando-se com a Sé, encontramos o antigo Paço Arquiepiscopal, actualmente ocupado pelo Museu.

De destacar ainda o Templo Romano, a Igreja e Convento dos Lóios (actual pousada), assim como o Paço dos Mellos, Duques de Cadaval.

No século XVI instalou-se ainda neste espaço o Palácio da Inquisição e do Inquisidor-Mor, tornando-o num centro nitidamente religioso e de poder espiritual que se contrapõe à Praça Grande, centro do poder temporal.

---

<sup>1</sup> A segunda designação toponímica é a antiga.

<sup>2</sup> Para os monumentos a negro encontra-se um resumo na parte 3.

## ROTEIRO

De seguida, visitemos as Casas Pintadas de Vasco da Gama e, de volta ao largo da Sé, desceremos pela Rua 5 de Outubro, antiga Rua da Selaria, até à Praça. Lembra a antiga designação toponímica o princípio medieval de os mesteres se arruarem. Ao descer, espreitemos ainda o Beco do Espinosa; a existência de becos está intimamente ligada ao urbanismo árabe, normalmente espontâneo e caótico, mas também, muito particularmente, tentando a privacidade da vida doméstica.

Continuando pela actual Rua 5 de Outubro desemboca-se na Praça do Geraldo — surgiu esta praça junto de uma das portas da antiga muralha, tendo-se transformado gradualmente num pólo fundamental da cidade. Desta praça irradiam três ruas que davam acesso directo a portas. Destaque-se a arcada caracteristicamente medieval e mediterrânica, a Igreja de St<sup>o</sup> Antão, mandada construir pelo Cardeal D. Henrique na 2<sup>a</sup> metade do séc. XVI. Recorde-se ainda que no local onde hoje está o Banco de Portugal, se localizaram até ao século XIX os Paços do Concelho e a Cadeia Comarcã. A Ocidente da Praça e entre as Ruas do Raimundo e Serpa Pinto localizava-se a Judiaria de Évora, já existente no reinado de D. Dinis. Nas suas ruas estreitas, encontramos ainda hoje portais e janelas remontando à época medieval.

Descendo a Rua da República, que se chamou do Paço, pois era a artéria que servia o Palácio Real, alcançamos S. Francisco. Foi este o local onde no século XIII se instalaram os Franciscanos; fora dos primitivos muros, desurbanizada, foi graças ao convento franciscano que gradualmente se urbanizou, dando origem a um arrabalde. Nas suas imediações e articulando-se com o convento situava-se o Paço Real; o que nos ficou, a chamada Galeria das Damas, situa-se no Passeio Público, que data do século XIX. Junto ao Paço, olhem-se as Ruínas Fingidas.

Atravessando a Rua do Paço, rapidamente chegamos à Igreja da Graça, com os seus enormes gigantes a coroarem lateralmente a frontaria.

Pela travessa da Caraça, topónimo caracteristicamente medieval, chegamos à Rua de Álvaro Velho. Foi esta personalidade, escudeiro de D. Manuel e companheiro de Vasco da Gama, na descoberta do caminho marítimo para a Índia.

Em direcção ao largo da Porta de Moura encontramos à esquerda a Igreja da Misericórdia, de arquitectura austera, mas de profusa decoração interior revestida a talha dourada e azulejos azuis e brancos, tão ao gosto da arte portuguesa dos finais do século XVII.

O Largo da Porta de Moura é um dos espaços urbanos mais característicos de Évora. Tal como a Praça do Geraldo surgiu junto de uma porta da primitiva cerca e dele irradiam também artérias que dão acesso directo a portas.

Arquitectonicamente destaques para além da fonte, a Casa Cordovil, um dos muitos solares dignos de nota desta cidade, com o seu característico mirante de gosto «amouriscado». No lado oposto da praça podemos observar a casa, dita de Garcia de Resende, com uma janela de decoração exuberante, característica do gótico final português.

Pela Carreira do Colégio chegamos à Igreja e Colégio do Espírito Santo (Universidade), situados na zona oriental da cidade, onde se notam acentuados declives

e por essa razão urbanizada mais tardiamente, em íntima ligação com as fundações jesuíticas.

### 3. Descrição Breve de Alguns dos Edifícios Mais Característicos de Évora

#### 3.1. Sé

Dedicada a Santa Maria é a maior catedral portuguesa, tendo sido, durante séculos, local importante de peregrinação. Pela sua implantação e volume domina o aglomerado urbano.

Data a sua fundação do século XIII, estando ligada estilisticamente a soluções românicas e góticas. O magnífico Apostolado do portal, assim como o Claustro são já do século XIV. Sofreu alterações nos séculos XVI e XVIII. A actual capela-mor foi iniciada em 1718 sob a direcção do arquitecto Ludovice, ao serviço de D. João V.

A integração desta capela-mor barroca num espaço medieval pode ser considerada perfeita, sendo de acentuar o contraste entre uma zona muito iluminada (a capela-mor) e as naves fracamente iluminadas, tão ao gosto do barroco.

Destaque-se, ainda no coro, o cadeiral, datado de 1562, onde a par de motivos de inspiração nórdica encontramos a famosa série dos labores dos meses do ano.

Anexo à Sé encontra-se o Museu de Arte Sacra que inclui um rico repertório de pintura, escultura e artes ornamentais, podendo ser destacada a Virgem do Paraíso, tríptico francês, de marfim, do século XIII.

#### 3.2. Museu

Instalado no antigo Paço Arquiepiscopal inclui nas suas colecções Arqueologia, Escultura, Pintura, Artes Ornamentais. De proveniência diversa, não pode deixar de ser destacado o núcleo de peças recolhido por Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas, Arcebispo de Évora, nos inícios do século XIX.

O Museu de Évora possui um admirável núcleo de pintura flamenga onde se incluem os célebres *Painéis da Vida da Virgem*, encomendados pelo bispo D. Afonso de Portugal, para a ábside da Sé, de onde foram apeadas, quando das obras joaninas.

#### 3.3. Casas Pintadas de Vasco da Gama

Situadas nas imediações da Sé, na Rua actualmente designada Vasco da Gama devem ser visitadas pelos espectaculares frescos existentes no claustro. Segundo o Padre Francisco da Fonseca, em *Évora Gloriosa*, Roma, 1728 (p. 125), foi Vasco Gama que «as mandou pintar depois de vir da Índia, debuxando nellas árvores e animais daquellas novas terras [...]». É difícil de admitir que todo o bestiário exótico se tenha inspirado na fauna que Vasco da Gama viu na Índia, mais parecendo inspirado num qualquer livro de maravilhas da Idade Média. Numa profunda simbiose entre o sonho e o mito, encontramos sereias, galos afrontados, coelhos e o monstro das sete cabeças, tratados com uma certa dose de ingenuidade.

## ROTEIRO

### 3.4. S. Francisco

Igreja conventual e simultaneamente capela palatina, foi fundada por D. João II e concluída já no reinado de D. Manuel.

Exemplar magnífico do tardo gótico alentejano, mas também da arte portuguesa em geral, podemos verificar nele uma multiplicidade de influências, ao mesmo tempo que o aparecimento de soluções inovadoras no âmbito da arquitectura portuguesa do período. De uma só nave, ampla, ladeada de capelas intercomunicantes, apresenta soluções inovadoras não só quanto à estrutura, mas também à iluminação e sistema de cobertura (abóbada de berço quebrado, com penetrações). Desligando-se das formas tradicionais das igrejas franciscanas e dominicanas até então construídas em Portugal, aproxima-se das igrejas do gótico mendicante mediterrânico (Catalunha, Sul de França).

Já na segunda metade do século XVI o seu convincente modelo serviu com certeza de inspiração para a igreja jesuítica do Espírito Santo.

### 3.5. Paço Real

Símbolo da função real de Évora, foi construído ao longo do século XV, prolongando-se as suas obras pelo início do século XVI. Situado nas imediações do convento franciscano, cresceu à custa desse mesmo convento «apesar da grande apreensão por parte dos frades». Foi neste palácio que decorreu a maior festa do reinado de D. João II, o casamento de seu filho, o Infante D. Afonso, com a princesa Isabel, filha dos Reis Católicos.

Deste magnífico palácio, restou-nos apenas a chamada Galeria das Damas, onde a elementos característicos do tardo gótico de influência mudejar se aliam já elementos renascentistas.

### 3.6. «Ruínas Fingidas» do Passeio Público de Évora

Nas proximidades do paço encontramos as ruínas medievais fingidas que Cinatti em 1865 fez levantar no Passeio Público de Évora.

Muito ao gosto do Romantismo, lembram de imediato um cenário de ópera. Se Cinatti desenhou boas fachadas de palacetes, aqui denuncia-se como o cenógrafo que realmente era.

### 3.7. Igreja da Graça

Igreja do extinto convento agostiniano, dedicado a N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Graça, tem de destaque a sua frontaria. Datando do século XVI é uma das espécies mais curiosas da arquitectura maneirista em Portugal, de raiz paladiana.

Para este convento trabalhou mestre Nicolau Chanterenne, o maior escultor que laborou em Portugal no século XVI. Da sua autoria são as duas janelas, renascentistas, que podemos observar no interior do templo.

### 3.8. Igreja do Espírito Santo

Iniciada em 1567, como parte do Colégio do Espírito Santo, é um edifício cuja importância não é demais destacar dentro da arte jesuítica portuguesa.

Concluída um ano antes da casa-mãe dos Jesuítas, o *Il Gesu* de Roma, inspira-se em parte na Igreja de S. Francisco (galilé a anteceder-lá, uma só nave, capelas laterais intercomunicantes), mas com adaptação ao programa específico dos Jesuítas, vocacionados para a pregação (tribunas sobre as capelas e púlpito a meio da nave). De salientar ainda a talha maneirista do altar-mor e a talha barroca e rococó das capelas laterais.

### 3.9. Colégio do Espírito Santo

Foi fundado pelo Cardeal D. Henrique em 1551 e elevado a Universidade em 1559, por bula papal. Não existem provas de quem tenha sido o autor do plano inicial desta construção. Sabe-se porém que vários arquitectos a ela estiveram ligados, destacando-se Manuel Pires e Afonso Álvares.

Deste vasto conjunto arquitectónico destaca-se o Claustro dos Gerais, de colunata de mármore, tendo ao centro a fachada da Sala dos Actos, de mármore, já concluída no período barroco, em substituição da primitiva. As salas de aula articulam-se em torno do claustro, sendo de destacar os painéis de azulejos azuis e brancos do século XVIII com temas figurativos (mitológicos, inspiração bíblica...), muitos deles em relação com as matérias dadas nas respectivas salas.

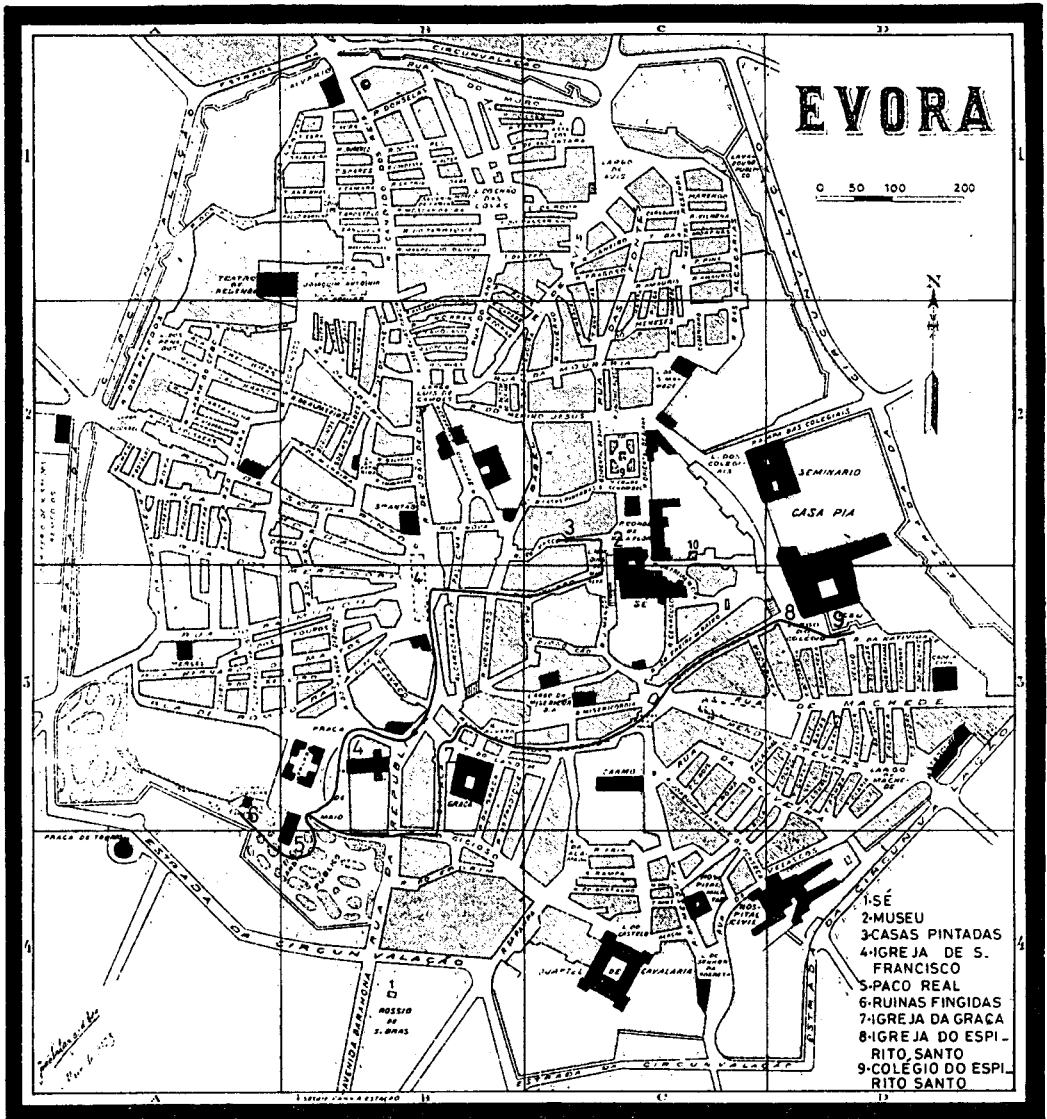
Merece também ser visitado o pequeno claustro interior, de dois andares, de grande sobriedade, o antigo Refeitório, sala bem proporcionada dividida em naves por colunas dóricas, paredes revestidas de azulejos verdes e brancos enxaquetados, assim como a Biblioteca, joanina, cujo tecto é revestido de pinturas ilusionistas.

## Bibliografia

- CHICÓ, Mário Tavares — *A Catedral de Évora na Idade Média*, Évora, 1946.
- ESPANCA, Túlio — *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora. Concelho de Évora*. Lisboa. Academia Nacional de Belas-Artes, 1966.
- PROENÇA, Raul; SANTANNA, Dionísio (dir.) — *Guia de Portugal*, II vol. Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa e Fundação Calouste Gulbenkian, 1927, 1983.
- SILVA, J. H. Paes de — *Estudos sobre o Maneirismo*, Lisboa, Ed. Estampa, 1986.

# ROTEIRO

## Percurso da visita de estudo



Base da planta extraída de *Guia de Portugal*, II, Lisboa, 1983.